

## **Opus Dei e a santificação do trabalho: uma versão católica da ética protestante?**

**Helena Vilaça**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

**Rúben Elias**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

### **Resumo**

Este artigo analisa o ideal da santificação do trabalho do Opus Dei, uma organização católica, de cariz mais conservador e alvo de mediatização e perceções de senso comum generalistas. Mobilizando a perspetiva weberiana da ética de trabalho protestante, é possível encontrar similitudes entre o ascetismo (intramundano) do Opus Dei e a ética de trabalho puritana, principalmente de vertente calvinista. No sentido de identificar semelhanças, foi realizada uma pesquisa empírica nas áreas Metropolitanas de Porto e Lisboa, assente em entrevistas a membros do Opus Dei. A análise dos resultados permitiu obter um conhecimento mais aprofundado não só da conceção do trabalho e estilos de vida como das dinâmicas desta instituição.

Palavras-chave: Opus Dei; santificação do trabalho; ética protestante.

*A look at the daily life of Opus Dei members in the light of the sanctification of work*

### **Abstract**

This article analyses the ideal of sanctification of the work of Opus Dei, a Catholic organization with a more conservative nature and target of media coverage and general common sense perceptions. Through mobilization of the Weberian perspective of the Protestant work ethic, it is possible to find similarities between (intramundane) asceticism of Opus Dei and the Puritan work ethic, mainly of a Calvinist slant. To identify common traits, empirical research was carried out in the Metropolitan Areas of Porto and Lisbon, based on interviews with members of Opus Dei. The analysis of the results allowed us to obtain a deeper knowledge not only about the conception of work and lifestyles, but also about the dynamics of this institution.

Keywords: Opus Dei; work sanctification; Protestant ethics.

*Una mirada a la vida cotidiana de los miembros del Opus Dei a la luz de la santificación del trabajo*

**Resumen**

Este artículo analiza el ideal de santificación de la obra del Opus Dei, una organización católica de carácter más conservador y destinataria de la cobertura mediática y la percepción generalizada del sentido común. Movilizando la perspectiva weberiana de la ética del trabajo protestante, es posible encontrar similitudes entre el ascetismo (intramundano) del Opus Dei y la ética del trabajo puritana, principalmente de inclinación calvinista. Para identificar similitudes, se llevó a cabo una investigación empírica en las Áreas Metropolitanas de Oporto y Lisboa, a partir de entrevistas con miembros del Opus Dei. El análisis de los resultados nos permitió obtener un conocimiento más profundo no solo sobre la concepción del trabajo y los estilos de vida, sino también sobre la dinámica de esta institución.

Palabras-clave: Opus Dei; santificación del trabajo; ética protestante.

*Un regard sur la vie quotidienne des membres de l'Opus Dei à la lumière de la sanctification du travail*

**Résumé**

Cet article analyse l'idéal de sanctification du travail de l'Opus Dei, une organisation catholique de nature plus conservatrice et cible de la couverture médiatique et des perceptions générales du sens commun. En mobilisant la perspective wébérienne de l'éthique du travail protestante, il est possible de trouver similitudes entre l'ascèse (intramondaine) de l'Opus Dei et l'éthique du travail puritaine, principalement d'orientation calviniste. Afin d'identifier des analogies, une recherche empirique a été menée dans les aires métropolitaines de Porto et de Lisbonne, sur la base d'entretiens avec des membres de l'Opus Dei. L'analyse des résultats nous a permis d'approfondir nos connaissances non seulement sur la conception du travail et des modes de vie, mais aussi sur la dynamique de cette institution.

Mots-clés: Opus Dei ; sanctification du travail ; éthique protestante.

**Introdução**

A Igreja Católica é uma grande instituição à escala do planeta, com um governo centralizado, mas internamente diversificada, composta por grupos com características, objetivos e visões profundamente diferenciados, desde as ordens religiosas do passado (e do presente) até aos mais variados movimentos e organizações. A Prelatura Pessoal do Opus Dei representa um desses grupos, considerado por muitos setores da sociedade como um movimento fechado, masculino, conservador e elitista. Devido a essa representação social disseminada nas representações sociais, o Opus Dei tem sido alvo de uma mediatização e inspirado a literatura ficcional e o cinema.

O objetivo do artigo não é o de analisar todas as dimensões que caracterizam o Opus Dei, nem tão pouco abordar controvérsias, mas em compreender a centralidade do trabalho nos seus

elementos fundadores e o modo como a ética que lhe é intrínseca está presente na vivência quotidiana dos fiéis da Prelatura. Nesse sentido, é analisada a perceção dos seus membros face à santificação do trabalho e como tal aspeto se projeta nas suas práticas profissionais, familiares e outras, na atual fase da modernidade e, especificamente, no contexto português.

Em termos teóricos, são acionados os contributos sociológicos do catolicismo, assim como a análise que Max Weber faz de ética de trabalho protestante, nomeadamente, calvinista, procurando, dessa forma estabelecer paralelismos entre esta e o ideal de santificação do trabalho do Opus Dei.

## **1. Igreja Católica Romana e catolicismos**

A Igreja Católica manifesta um maior grau de institucionalização do que as outras igrejas cristãs, principalmente as igrejas protestantes, razão pela qual é aquela que inspira empiricamente o tipo ideal de igreja construído por Max Weber. A Reforma protestante introduziu uma cultura religiosa que coloca a Bíblia como fonte de autoridade, incentivando a sua leitura, facto que traz como consequência uma diversidade de interpretações (consoante as denominações) e a relação direta do indivíduo com Deus. Como referem Lefebvre e Pérez-Agote (2018: 3), o catolicismo tem uma governação centralizada, dado que é regido centralmente por um chefe de Estado, o Papa, Bispo de Roma, que é a única autoridade religiosa sobre os bispos de todas as dioceses. Portanto, o catolicismo é uma religião governada pelo Estado do Vaticano, sendo esta uma organização complexa com um exercício à escala mundial e responsável pelo controlo da ortodoxia doutrinária (Lefebvre e Pérez-Agote, 2018: 3) exercido pelo Vaticano nas suas mais diversas instituições.

Apesar do primeiro cisma do cristianismo no século XI e da Reforma protestante do século XVI, a Europa do Sul foi imune a esses conflitos e divisões<sup>1</sup>, observando-se um percurso histórico favorável a uma afirmação progressiva do catolicismo que, ao longo dos séculos, se foi estabelecendo como referencial religioso e cultural sem concorrência. Diga-se, porém, que essa hegemonia religiosa e cultural não se traduziu sempre numa história de relações pacíficas entre o poder espiritual e o poder temporal, uma vez que estes campos, no sentido bourdiano de configuração de relações objetivas entre posições, competiram sempre entre si, revelando, por isso, uma rede complexa de interações. Referindo-se às relações entre o trono e o altar, em Portugal, José Mattoso afirma que

---

<sup>1</sup> À exceção da França, considerada por Stoetzel (1983) um caso único, mais propriamente um país secular.

«uma situação caracterizada pela confusão de poderes, pelo temor reverencial do rei perante o sagrado e por uma reduzida intervenção do papado, passa-se, primeiro, para uma tentativa de delimitação de campos, depois, para uma luta generalizada e violenta e, finalmente, para o entendimento global à custa de uma efetiva sujeição do episcopado» (Mattoso, 1993: 283).

Independentemente da relação mais ou menos pacífica com o poder político, a religião, ao longo de todo o Antigo Regime, foi pautada pela ubiquidade na vida social. Sob o seu domínio institucional estavam as obras de beneficência, os hospitais, os asilos e o ensino. Verificam-se, assim, percursos históricos nacionais pautados por uma afirmação progressiva do catolicismo (Vilaça, 2006; Vilaça e Oliveira, 2019), que se foi estabelecendo como referencial religioso e cultural sem concorrência.

O processo de modernização europeu, iniciado no século XVIII e progressivamente intensificado a partir do século XIX, contribuiu para a perda progressiva da centralidade da religião, fenómeno central na teoria da secularização. Este corpo teórico, considera o enfraquecimento da fé nas comunidades cristãs, a descredibilização e o declínio do magistério sacerdotal, a individualização da crença por via de um distanciamento em relação à ortodoxia doutrinária, o declínio na prática religiosa e a ausência da transmissão da fé às novas gerações como parte fundamental da modernização.

Perante um cenário de secularização generalizado à escala europeia, a recomposição do catolicismo português operou-se no plano macrosocietal, a partir do fim da monarquia, com a lei da separação entre o Estado e a Igreja em 1911. Perante este facto e o crescente desaparecimento do sentido de pertença local, consubstanciado na diminuição do relevo comunitário da paróquia, o catolicismo passou a constituir um subsistema social entre outros.

A mudança religiosa teve também lugar a nível mesossocietal ou organizacional, isto é, dentro das igrejas e outros grupos religiosos (Luckmann, 1974; Dobbelaere, 2004). Também designada de secularização interna, o fenómeno expressa o modo como as organizações religiosas se “esforçam” por se adaptar à modernidade. Não se trata de um exercício fácil, pois assiste-se, por um lado, a uma excessiva acomodação à cultura moderna, traduzida numa teologia racionalizada, e num discurso sociopolítico, sem dimensões de transcendência, indistinto daquele que é adotado por outros subsistemas e, por outro, a uma cristalização e incapacidade de comunicação com a contemporaneidade.

A nova realidade conduziu a Igreja Católica a uma estratégia de influência essencialmente de cariz setorial, criando, paralelamente à sua pastoral de base territorial, uma pastoral setorial (Voyé, 1996), baseada em grupos socioprofissionais e, mais tarde, em movimentos juvenis operários e estudantis. Em Portugal, além desses, merecem também evidência os movimentos

culturais (Fontes, 2002: 133) emergentes nas últimas décadas do Estado Novo, de que a revista “O Tempo e o Modo” é exemplo.

Apesar das múltiplas estratégias adaptativas por parte do catolicismo à modernidade (Voyé e Dobbelaere, 1994) e, em particular, ao processo de secularização, nomeadamente através de uma organização interna cada vez mais diversificada, o empenhamento dos crentes em grupos e movimentos católicos é quantitativamente residual. Um retrato relativamente atual fornecido pelo estudo das Identidades Religiosas dos Portugueses (Teixeira, 2012) revelou que a pertença a algum grupo ou movimento eclesial no seio da Igreja Católica é minoritária (8,2%). No entanto, ainda que estatisticamente pouco expressivos, o peso simbólico de alguns destes grupos ou associações permanece inegável. O Opus Dei é, sem dúvida um desses casos.

Em suma, há momentos históricos em que um determinado sistema de crenças tem capacidade de moldar o seu ambiente à sua imagem, como aconteceu com o catolicismo português e com o cristianismo em geral, na Europa, no passado (Vilaça e Oliveira, 2019), mas há outros momentos em que, como refere Enzo Pace (2011: 32), o ambiente se diversifica a tal ponto que é dominante uma variedade de interpretações, a par de uma individualização da crença e da reconfiguração da religião na esfera pública.

## **2. A ética protestante**

Um dos aspetos mais fascinantes da obra de Max Weber reside no facto de este fundador da sociologia não identificar religião com a irracionalidade. Portanto, na perspetiva weberiana (1983a e 1983b), a racionalização não aparece como antagónica à religião. Aliás, a religião contribui para a própria racionalização do mundo. Tal como Troeltsch (1958: 174-179), Weber situa a secularização no âmbito de fenómenos concetualizados pelas teorias da secularização como o desencantamento do mundo, a mundanização (de orientações religiosas) e a generalização de uma ética particular.

A relação estabelecida entre a vida mundana, e o transcendente pode, segundo Weber, motivar a ação individual. Um dos aspetos mais explorados pelo sociólogo alemão é o modo como a relação estabelecida entre a vida quotidiana e o transcendente pode determinar comportamentos e condutas. A melhor ilustração disso é para o autor a conceção luterana de *Beruf* – vocação ou “chamado” –, uma palavra com «conotação religiosa: uma tarefa imposta por Deus» (Weber, 1983a: 52). Em contraponto com o catolicismo, a grande novidade que Weber vê no protestantismo consiste no facto de Lutero «considerar o cumprimento do dever no quadro da atividade temporal como a ação moral mais elevada» (Weber, 1983a: 53). Em rejeição ao monasticismo, algo de egoísta dado que retira ao homem os seus deveres na sociedade, este

reformador vê no exercício profissional uma manifestação de amor ao próximo e o cumprimento da vontade de Deus.

A valorização do trabalho, transversal a todo o protestantismo, vai encontrar a sua expressão mais plena no ascetismo secular, que, segundo Weber se divide em quatro tipos: calvinismo; pietismo (com origem no calvinismo inglês e holandês, mas que se transformou num movimento dentro do luteranismo); metodismo (que surgiu em Inglaterra no século XVIII); seitas com origem no movimento batista (Weber, 1983: 87). Entendendo que os comportamentos e ações religiosas eram orientados para o mundo terreno, Weber vê no ascetismo puritano intramundano um expoente máximo da ação racional orientada para o mundo. Através desse modo de vida ascético, o mundo converte-se numa obrigação imposta ao religioso virtuoso (Weber, 1983b: 429). A missão do crente consiste em transformá-lo segundo os ideais ascéticos. Nessa medida, o asceta converte-se num reformador ou revolucionário racional (Weber, 1983a), que atua dentro da sociedade e não no refúgio do convento. Weber diz que o “Deus do calvinismo exige aos seus fiéis não boas ações isoladas, mas uma vida inteira de boas ações erigidas em sistema” (Weber, 1983a: 99-100). Esse ideal que parte de uma orientação espiritual é transposto e aplicado a todas as dimensões da vida. É por isso que, regra geral, o asceta não se conforma com uma religião massificada, que atua sob o efeito da rotinização do carisma.

Como foi referido, os grupos de contestação, mais ou menos radicais, e de renovação não constituíram uma exclusividade da reforma em países de maioria calvinista. De igual modo no século XVII, a Inglaterra conheceu movimentos que criticaram o que entendiam como abusos da Igreja Anglicana (Vilaça, 2018). Alguns permaneceram dentro dela e procuraram restaurá-la, como é o caso dos puritanos. A revolução puritana foi um movimento marcado pela teologia e ideais morais do calvinismo que rejeitava tanto a Igreja Católica Romana como o ritualismo e a organização episcopal da Igreja Anglicana.

O Opus Dei, um grupo profundamente fiel à ortodoxia católica, não deixa de incorporar alguns dos ideais puritanos no que respeita ao ascetismo intramundano e ao inconformismo com uma fé massificada com crentes pouco comprometidos e cujo modo de vida, especialmente na esfera do trabalho, por excelência uma plataforma de contacto com o mundo, não é concebido como um chamado nem um lugar de missão.

### **3. Origens do Opus Dei e a sua implantação em Portugal**

Apesar do seu nascimento remeter a 1928, a afirmação do Opus Dei enquanto instituição religiosa devidamente reconhecida foi um processo conturbado. O principal objetivo do seu fundador, Josemaria Escrivá, era o de «facilitar a todos os homens a descoberta do valor

santificador do trabalho ordinário e despertar nos cristãos a consciência do alcance e das exigências da sua vocação» (Rhonheimer, 2006: 47). Em termos oficiais, o Opus Dei enquanto instituição religiosa data de inícios da década de 1940, como Pia União, «uma associação de crentes com um pleno mandato para exercer obras de piedade ou caridade, capazes de receber graças espirituais ou indulgências especiais» (Hutchison, 1997: 122). Contudo, este reconhecimento limitava o campo de atuação da instituição à região espanhola, situação que fora ultrapassada em 1947 com o *Provida Mater Ecclesia*<sup>2</sup>. Através deste decreto, o Opus Dei adquire um estatuto jurídico e torna-se no primeiro instituto secular dentro do catolicismo. Contudo, o objetivo desta organização só é plenamente alcançado em 28 de novembro de 1982, quando o Papa João Paulo II constitui o Opus Dei como a primeira – e, até à data, a única – Prelatura Pessoal da Igreja Católica, como é possível ler na bula “Ut Sit”<sup>3</sup>.

Tomaz (2021) contribui para o debate em torno do Opus Dei quando enfatiza a necessidade de lhe ser atribuída uma menor «conotação eclesiástica» na atuação no mundo, indo ao encontro da circunscrição eclesiástica, prevista pelo Concílio Vaticano II e pelo Código de Direito Canónico (Harman, 2016). De facto, enquanto Prelatura pessoal tem uma estrutura que é em parte, laica e, em parte, religiosa (Elias, 2020: 49).

A chegada do Opus Dei a Portugal, na década de quarenta do século passado, coincide com um momento em que a aproximação e cumplicidade do regime do Estado Novo à Igreja Católica, é consolidado na Concordata de 1940 (Vilaça, 2006). Este acordo realizado entre o Estado português e a Santa Sé acabou por funcionar como mecanismo de compensação ao regime de separação instaurado no início do século XX pela I República.

Depois do 25 de abril de 1974, os nexos e as ambiguidades entre a Igreja Católica e o Estado tornaram-se mais complexos. Nos termos da Constituição portuguesa, o Estado não é religioso, mas o catolicismo permanece como a religião de referência – com a sua pluralidade interna e as diferentes visões de mundo que a atravessam – e seu peso simbólico manifesta-se de diversas formas. No quadro da revolução democrática, enquanto alguns movimentos católicos são tidos como progressistas, até porque possuíam um historial de luta contra a ditadura, o Opus Dei é diretamente conotado com as elites católicas conservadoras e defensoras do capitalismo, uma espécie de Maçonaria de direita. O tema do Opus Dei ressurge no debate público com o processo de privatização da banca, iniciado em 1989, especialmente em torno do Banco Comercial Português (BCP) liderado por Jorge Jardim Gonçalves, um membro da Prelatura.

---

<sup>2</sup> Constituição Apostólica promulgada pelo Papa Pio XII, com o objetivo de atribuir um estatuto jurídico a institutos seculares que promoviam uma nova forma de vida consagrada, dando assim resposta a vários movimentos católicos, emergentes entre as duas guerras mundiais, e que eram constituídos por indivíduos que se sentiam chamados para uma intervenção mais empenhada na sociedade em prol do Reino de Deus.

<sup>3</sup> <https://opusdei.org/pt-pt/article/constituicao-apostolica-ut-sit/>

Apoiando-se numa estrutura tripartida: central, regional e local, a Prelatura Pessoal do Opus Dei tem na figura do vigário regional, um elemento preponderante na relação entre a governo central, sediado em Roma e o seu país. Não obstante a presença do Opus Dei em Portugal desde os finais da década de 40, do século XX, como documenta Azevedo (2021: 9), um dos desafios desta investigação prendeu-se com a falta de dados informativos acerca das principais figuras do Opus Dei em Portugal, mais concretamente dos vigários regionais em Portugal. Através da tabela 1, é possível visualizar todos aqueles que ocuparam o cargo de vigário regional em Portugal, personalidades que contribuíram para a manutenção e desenvolvimento do Opus Dei no país.

**Tabela 1 - Vigários regionais do Opus Dei em Portugal**

Ano	Vigários regionais de Portugal
1949-1958	Francisco Xavier de Ayala
1958-1971	Nuno Girão
1971-1974	António Adolfo Barbosa e Silva
1974-1988	Jorge Margarido Correia
1988-2002	António Adolfo Barbosa e Silva
2002 -	José Rafael Espírito Santo

Fonte: Elias (2020: 58)

#### **4. Metodologia**

A dimensão territorial constitui um elemento determinante da estruturação do trabalho e, tendo em conta a implantação urbana do Opus Dei, foram selecionados para o estudo membros residentes nas duas áreas metropolitanas do país: Porto e Lisboa.

O presente artigo incide sobre alguns dos resultados aferidos num trabalho académico que resultou numa dissertação de mestrado (Elias, 2020). Tendo por base uma metodologia qualitativa, procedeu-se a um caminho de desconstrução, aproximação e confrontação contínua durante todo o seu processo (Guerra, 2006). Como qualquer outro estudo sociológico esta pesquisa parte de um «património acumulado de interpretações provisoriamente validadas que se chama de teoria» (Silva e Pinto, 1990: 56). Foram utilizadas duas técnicas de investigação: a entrevista e a análise de conteúdo, constituindo a entrevista a fonte primordial de conhecimento. Contudo, como nos diz Bardin (2011), a utilidade da análise conteúdo permitiu chegar a informações, devidamente agrupadas e sintetizadoras da instituição católica em que o presente estudo se centrou, a Prelatura Pessoal do Opus Dei.

Entre os principais elementos que contemplaram uma análise de conteúdo estão documentos produzidos por essa organização, ligados à sua história e sociogénese, mas também ao conceito de santificação do trabalho. No início do estudo foi também realizada uma entrevista exploratória, em virtude da escassa informação perante a realidade em causa. Foram efetuadas dezasseis entrevistas, oito das quais a membros do sexo masculino e o mesmo número a elementos do sexo feminino, ao longo de dez meses. A amostra foi construída com a colaboração de um informante privilegiado, seguindo a lógica de amostragem em bola de neve, sendo a sua seleção condicionada (*respondent-driven sampling*) a partir de características estabelecidas pelo investigador (Silva, 1999: 38). O tipo de entrevista escolhido foi a semidiretiva, deixando, muitas vezes, o entrevistado “viajar” nas suas memórias e experiências (Kvale, 1996). As entrevistas decorreram com o devido consentimento dos intervenientes, onde o seu anonimato foi salvaguardado no tratamento dos dados e informações divulgadas.

As entrevistas foram aplicadas, como se disse, a residentes na Área Metropolitana do Porto (AMP) e na Área Metropolitana de Lisboa (AML), entre janeiro e fevereiro de 2020. Estas decorreram em diversos espaços públicos, destacando também a utilização do Oratório S. Josemaria e as sedes dos centros do Opus Dei, o Vega Clube e Residência Universitária de Montes Claros – Residência Universitária. Após a realização de todas as entrevistas, estas foram transcritas na íntegra e analisadas com recurso a uma grelha de análise, confrontando depois essas informações com os contributos teóricos existentes.

## **5. Opus Dei: um ascetismo intramundano do catolicismo ou uma das reações católicas à secularização?**

A apresentação dos resultados do trabalho de terreno efetuado foi organizada em três pontos: a caracterização sociodemográfica dos entrevistados; a sua vivência da santidade na vida quotidiana e a sua perceção da santificação do trabalho. Ao longo da exposição esteve presente um exercício de articulação com os objetivos delineados e as questões levantadas nas considerações teóricas até ao momento desenvolvidas.

### **5.1. Perfis sociológicos**

Este estudo contemplou dezasseis pessoas, oito do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 23 e os 88 anos, situando-se a média nos 52 anos de idade. Outro aspeto relevante prende-se com as habilitações académicas dos participantes. O

grau de licenciado é o nível educacional predominante, contabilizando dez dos dezasseis participantes. Entre os restantes dois adquiriram o grau de mestre, dois são doutorados e dois possuem o ensino secundário. De realçar o elevado nível de escolaridade identificado nesta amostra, dado que 87,5% são detentores de diploma no ensino superior.

Relativamente à atividade profissional de cada um, existe uma diversidade setorial bastante alargada e significativa. A trabalhar no setor da educação encontram-se uma auxiliar de educação, um professor de piano e teatro e um professor de Educação Física. Na saúde, foram entrevistadas uma enfermeira e duas médicas. A amostra abrange ainda um dirigente desportivo, um engenheiro zootécnico, uma gestora de seguros, um empresário agrícola, uma economista, uma diretora de um grupo farmacêutico e uma administradora no setor da Administração Interna. Foram também incluídos dois participantes reformados, um da área dos recursos humanos e outro ligado ao setor bancário, com funções de administração e presidência bancária. O grupo de participantes no estudo fica fechado com um sacerdote.

**Tabela 2 - Caracterização da amostra**

Nome	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Profissão
E1	Feminino	25	Licenciatura	Enfermeira
E2	Feminino	46	Ensino secundário	Auxiliar de educação
E3	Feminino	68	Doutoramento	Médica
E4	Masculino	33	Doutoramento	Sacerdote
E5	Masculino	48	Ensino secundário	Diretor-geral de SAD de futebol
E6	Masculino	59	Licenciatura	Engenheiro zootécnico
E7	Masculino	23	Licenciatura	Professor de piano e teatro
E8	Masculino	69	Licenciatura	Reformado (Área de recursos humanos)
E9	Feminino	55	Licenciatura	Gestora de seguros
E10	Feminino	61	Mestrado	Economista
E11	Masculino	88	Licenciatura	Reformado (Administração e Presidência setor bancário)
E12	Masculino	47	Licenciatura	Professor de Educação Física
E13	Feminino	59	Licenciatura	Médica
E14	Masculino	35	Licenciatura	Empresário agrícola
E15	Feminino	60	Licenciatura	Diretora Grupo (setor farmacêutico)
E16	Feminino	43	Mestrado	Administradora empresa (setor da Administração Interna)

Fonte: Elias (2020: 74)

Em termos geográficos, no território da AMP, os entrevistados são residentes nos concelhos da Maia, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia e Santa Maria da Feira. Na AML, o lugar de residência dos indivíduos situa-se nos concelhos de Sintra, Cascais, Odivelas, Lisboa e Seixal.

Outra questão, contemplada no guião da entrevista, prendia-se no modo como os participantes se tinham envolvido no Opus Dei e o percurso efetuado. Com isso, foi possível aferir a importância dos apoios espirituais fornecidos pela instituição, denominados «meios de formação». Dos dezasseis participantes, treze tiveram o primeiro contacto com a Prelatura através dos meios de formação, concretamente, sessões de apoio espiritual e doutrinário facultados pela Prelatura aos seus membros e a todos aqueles que as desejem experimentar. Os meios de formação podem ser de três tipos – os círculos semanais, o retiro mensal e o retiro anual. O círculo semanal, como nos descreve um dos participantes do estudo:

«[s]ão encontros informais entre os fiéis do Opus Dei ou entre pessoas que não são do Opus Dei, mas que vêm ter esses encontros informais. São encontros rápidos que tocam temas da vida cristã, como, por exemplo, o valor da santa missa para o cristão, a santificação do trabalho, a unidade ao Papa e aos bispos. Temas da Igreja também, por exemplo, o tema da pobreza, de como viver a pobreza no nosso dia a dia, por exemplo, temas da formação intelectual e religiosa (...) são sessões onde as pessoas se encontram e quem dá a sessão deve ter um conhecimento daquilo que está a falar na prática e deve transmitir na prática» (E4).

O retiro mensal é um momento que os fiéis da Prelatura reservam para recolocar e reavivar a sua espiritualidade. Também conhecido por “Recoleção”, este tem a duração aproximada de duas horas de meia e consiste num «dia que recebemos formação espiritual e convidamos amigos que até possam nem ser católicos e possam nem ser praticantes» (E6). Por fim, o retiro anual e segundo a descrição do participante E4:

«É um retiro em que se faz nalguma casa de retiros e em que um sacerdote prega meditações. Isto é, tempos de oração, em que todos rezam, o sacerdote faz a sua oração em voz alta, dirigindo sobre um tema a oração para Jesus. Costumam ser quatro meditações por dia, há também tempo livre, em que a pessoa fica por sua conta, a falar, a rezar com Deus (...) faz um bocadinho de exame sobre a sua vida, de como viveu durante esse ano para tirar um pouco de impulso com a graça de Deus para aquilo que vem a acontecer no ano que se abre a partir daquele retiro. São momentos de conversão, em que aquilo que se pede à pessoa que faz o retiro é que procure converter-se para chegar a ser santo. São momentos muito importantes na vida de uma pessoa» (E4).

Neste excerto, é possível identificar similitudes com o protestantismo evangélico, dada a ênfase, tanto no passado como atualmente, à conversão e à relação viva e íntima com Deus. Além disso, a importância atribuída à santidade, permite estabelecer paralelismos com um dos movimentos do puritanismo ascético elencado por Max Weber, especificamente o metodismo. Esse movimento – hoje igreja – ascético e pietista, fundado por John Wesley, no século XVIII, em Inglaterra dentro da Igreja Anglicana colocou a tónica na doutrina da santificação, defendendo um tipo de vida disciplinada, “metódica” – a origem do nome do grupo vem daí – mas numa linha mais pietista (Vilaça, 2018: 71), afastando-se da rigidez do racionalismo teológico calvinista.

Ainda sobre os dados dos participantes, importa analisar a sua situação pessoal dentro da Prelatura. A grande maioria, mais concretamente doze dos dezasseis entrevistados vive a condição

de supranumerário<sup>4</sup>. Dos restantes quatro, três vivem a condição de numerário<sup>5</sup> e uma pessoa vive a condição de agregada<sup>6</sup>. Os dados do estudo levantam, desde logo, uma evidência: 75% da nossa amostra são membros supranumerários, o que entronca na realidade global da Prelatura Pessoal do Opus Dei, onde cerca de 70%<sup>7</sup> dos seus membros estão na Prelatura nessa posição.

A este propósito, é imprescindível referir a saliência da transmissão da fé em contexto familiar. Entre os doze indivíduos na condição de supranumerário, apenas um não tem filhos. Dentro do universo com descendentes, apenas cinco confirmaram a frequência dos seus filhos em colégios do Opus Dei, o que é seguramente relevante é o lugar atribuído à família como contexto de transmissão da fé, independentemente de os filhos virem a aderir no futuro ao Opus Dei. Acerca disso, a entrevistada E16 referiu:

“Na Obra, não dizem “rezem em família”, não, agora parece-me relativamente normal, nós não somos esquizofrênicos, nem temos perturbações de personalidade (...) os católicos têm uma prática espiritual que é visível e que os primeiros a ver são os filhos. Portanto, é perfeitamente comum a adesão dos filhos às práticas, porque a prática religiosa é uma prática do bem e atrai”.

Relativamente à questão dos cônjuges, quatro membros têm o cônjuge na Prelatura, sendo que um é, efetivamente, membro supranumerário e os restantes são cooperadores do Opus Dei. Ou seja, não são membros, mas vão participando nos meios de formação ou nas atividades que sejam dinamizadas. Pode-se então constatar que a vivência da fé no Opus Dei é individual, estando confiada a cada homem, a cada mulher sempre que seja essa a sua vocação.

A análise do perfil sociológico dos participantes no estudo revela que, apesar do elevado nível de literacia, o Opus Dei não é uma organização masculina nem exclusivamente constituída por elites. A variedade das categorias socioprofissionais sugere a presença de transversalidade em termos de classes sociais.

## 5.2. A santidade no quotidiano

Ser membro do Opus Dei significa indubitavelmente uma militância religiosa elevada e extensível a todas as dimensões da vida. Nessa medida, distanciam-se da maioria dos indivíduos que se identificam como católicos. Com a finalidade de alcançar uma perceção mais diferenciada da prática católica Alfredo Teixeira (2012: 50) tipifica esta população a partir da frequência da

---

<sup>4</sup> São designados de supranumerários homens ou mulheres, por regra, casados, para quem a santificação dos deveres familiares assume uma dimensão primordial da sua vida cristã.

<sup>5</sup> Os numerários são celibatários que residem normalmente em centros do Opus Dei. Desta forma, dispõem de uma maior disponibilidade para se encarregarem dos trabalhos apostólicos e da formação dos restantes fiéis da prelatura.

<sup>6</sup> Semelhantemente aos numerários, os agregados vivem fora dos centros do Opus Dei, com as suas famílias ou onde lhes for mais conveniente por razões profissionais ou pessoais. Ambos os membros destas categorias podem vir a assumir o sacerdócio dentro da prelatura.

<sup>7</sup> Informação disponível em <https://opusdei.org/pt-pt/article/cristaos-no-meio-do-mundo/>

missa, identificando seis categorias distintas: católico nominal; católico praticante ocasional; católico praticante irregular; católico praticante regular; católico observante; católico militante (os que à “prática observante” acrescentam a pertença a um movimento da Igreja Católica ou desenvolvem alguma atividade na paróquia). Inquestionavelmente, os membros do Opus Dei inserem-se na última categoria, a de católicos militantes.

O seu profundo envolvimento na fé cristã, engloba, muito mais do que práticas assentes em rituais ou mesmo pertença a um grupo específico. Trata-se essencialmente de deterem uma visão do mundo totalizante, não compartimentada segundo os princípios da diferenciação funcional da secularização. Todo o dia-a-dia de um crente vinculado ao Opus Dei, vive os valores e regras de conduta da organização. Dos dezasseis participantes no estudo, doze utilizaram a expressão «plano de vida» para contextualizar a descrição da sua rotina diária. Para explicar o que esta expressão significa para estas pessoas, introduz-se uma metáfora que foi utilizada por vários entrevistados e que compara a vida pessoal de cada um à luva de um cirurgião: «conforme o cirurgião também tem uma mão mais gorda ou mais magra e a luva adapta-se à vida dele» (E6) também cada indivíduo tem de «enquadrar o plano diário dentro da atividade profissional e familiar» (E5).

Este plano de vida contempla o contexto específico de cada fiel do Opus Dei e que segmenta vários momentos no decurso do dia a dia, identificando a necessidade de haver tempo de oração, de frequência da missa, de leitura espiritual, assim como de formação espiritual, significando isso a frequência dos meios de formação e direção espiritual. Contrariamente ao que se pode pensar, o plano de vida não é um contrato de fidelização com a Prelatura Pessoal do Opus Dei. Este representa uma «série de “normas” que são propostas às pessoas para irem fazendo diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente» (E6). Contudo, não existe qualquer obrigatoriedade das mesmas, como disse o E5, «todos nós temos um plano diário, que “devemos” cumprir, não somos coagidos nem obrigados». Acerca desta questão em particular, vislumbra-se um traço convergente com o ideal de vida a potenciar por parte destes fiéis e a perspetiva weberiana da doutrina calvinista. Ou seja, encontra-se aqui uma aproximação entre a vida ascética e rigorosa calvinista e o objetivo de uma vida piedosa e estruturada nos membros do Opus Dei (Weber, 1983a). No protestantismo ascético, através do puritano, o ascetismo medieval das ordens monásticas foi transformado numa “ascese puramente secular (Weber, 1983a: 101 e 120).

Considerando fundamental perceber e descortinar esta ideia de «plano de vida» no percurso de santidade destas pessoas importa abordar a sua dicotomia «não obrigatório» – «necessário». Isto é, como acima mencionado, o plano de vida é a essência da relação dos fiéis do Opus Dei e o seu caminho para a Santidade. Durante a aplicação das entrevistas, a palavra «liberdade» foi utilizada por metade dos participantes quando estes abordavam a questão do plano de vida.

O tempo dedicado à oração molda-se à vida dos indivíduos, traduzindo-se na disponibilidade de despendar tempo à oração em casa antes de sair para trabalhar ou a caminho do trabalho, seja no carro ou nos transportes públicos. Aquilo que sobressai da generalidade das declarações é que todo o tempo pode ser aproveitado e não há um momento ideal para dedicar tempo à oração.

A frequência da missa diária é também uma realidade na vida dos membros desta instituição. A isso, junta-se a leitura regular de uma parte do Evangelho ou de um livro de natureza espiritual (católica). Por fim, os meios de formação, como já descrito, poderão tratar-se dos círculos semanais, do retiro mensal ou do retiro anual. Não obstante, o Opus Dei também fornece aos seus membros direção espiritual, ação que é explanada abaixo por um dos membros.

«A direção espiritual é uma conversa, digamos assim, entre irmãos, em que, isto não é específico do Opus Dei, mas no Opus Dei faz-se desta forma. Uma conversa entre irmãos confidencial, em que essa pessoa conta alguns dos aspetos da sua vida espiritual, como, por exemplo, como vive a sua fé, como está a viver a sua vocação, como está a santificar o seu trabalho, como está a rezar, se na sua oração está a ter dificuldades e recebe alguns conselhos [...] Os conselhos que vai receber são sempre e puramente conselhos para o melhor desempenho da sua vida espiritual» (E4).

Através deste testemunho, é viável enquadrar a direção espiritual dentro do quotidiano dos fiéis do Opus Dei. Esta não tem uma regularidade específica, acontece quando cada pessoa assim o entende. A direção espiritual é, por norma, dirigida por um numerário, sendo possível aqui ilustrar uma das suas funções, como atrás mencionado, da figura do numerário: alguém que dedica a sua vida à Prelatura, auxiliando nas demais tarefas e na formação dos restantes.

No ponto de partida para a realização do presente estudo, foi enunciada a intenção de conhecer a ética de trabalho destes católicos, tendo em conta que a santificação do trabalho é um valor central no Opus Dei. Ora, o que se viria a constatar é que a santificação não se objetiva apenas na atividade profissional, mas em todas as dimensões da vida dos indivíduos, tal como acontecia com os puritanos citados por Weber (1983a). Além dos objetivos delineados, outros aspetos foram igualmente abordados. Entre eles, encontra-se a mortificação corporal.

Absolutamente distinta do protestantismo, nas suas mais variadas vertentes, a mortificação não é uma prática exclusiva ao Opus Dei, sendo realizada no seio católico muito antes do próprio nascimento desta organização, fundada em 1928. Sabendo também que é um aspeto destacado nas referências mediáticas, literárias, cinematográficas e no discurso do senso comum sobre Prelatura Pessoal do Opus Dei, a abordagem desta questão pretende contribuir para uma análise mais objetiva desta prática, acentuando o sentido que os atores atribuem a este exercício e o modo como o situam na plenitude do espírito da Prelatura.

A citação abaixo o que significa a mortificação corporal no Opus Dei:

«A mortificação corporal tem imensas dimensões, os numerários fazem umas coisas, nós supranumerários também fazemos outras. O que interessa [é] aquela disposição de morrer todos os dias um bocadinho por amor a Deus. E isso vê-se, em vez de subires de elevador vais de escadas, bebes Coca-Cola às refeições, bebes água. Isso é a mortificação dos sentidos, tu abdicares de prazeres que tens direito, que são justos, por amor a Deus. Isso pode ver-se em pequenas coisas ou em grandes coisas. Grandes coisas é tu vais dar uma grande contribuição, mas o normal é que se faça nas pequenas coisas, a Obra fomenta muito isto, a nós mortificarmo-nos nas pequenas coisas, andar mais a pé e menos de metro, isso não custa assim tanto. No fundo, é isto, não custa assim tanto [...] Há outras dimensões e é bom que também te expliquem, a mortificação corporal, os numerários, por norma, e os agregados alguns quando têm essa possibilidade têm uma hora de cilício por dia, pronto, é bom saber explicar o que isso é, que não é como no Código Da Vinci e também fazem disciplinas, que não é como no Código da Vinci, que é sangue por todo o lado, não, é uma coisa simples, uma oração, é o próprio que se faz a si próprio e portanto, ele é que impõe a força com que faz, e isso é tudo visto na direção espiritual, com muita prudência, porque estas coisas o que é que acontece? São assim mais difíceis de viver, podem dar azo a que te cresça a soberba em ti e não é suposto. Portanto, se isso te alimenta a soberba, não fazes. É para fazer por amor a Deus, é por uma entrega diferente. Pronto, uns dormem no chão um dia por semana, se for chão de madeira, se for chão de pedra, dorme sem almofada [...] Porque é que eles separam os numerários dos supranumerários? Porque é muito estranho, se calhar tu teres um cilício em casa e teres filhos a andar de um lado para o outro. Se o miúdo encontra aquilo pode achar muito estranho, pode não perceber essa dimensão de sacrifício. Eu acho que as pessoas não falam se não for relevante, mas quando estamos a falar disto, eu lembrei-me que uma das coisas que tem haver com o plano de vida tem haver com isto. Mesmo a mortificação corporal, estas práticas [que] são frequentes na Igreja, a prática do cilício, a prática de disciplinas, [...] as que mais escandalizam, são muito frequentes na Igreja» (E7).

Outra das participantes (E15), referia a mortificação como algo natural e não exclusivo do Opus Dei. O interessante desta questão não é o escrutínio exaustivo da prática da mortificação, mas como esta é um de muitos outros aspetos a que os membros do Opus Dei recorrem tendo como alvo a sua idealização por um caminho santo no seu quotidiano.

### 5.3. Santificação do trabalho

Para o Opus Dei, a santificação não é um conceito ou uma ética exclusiva do trabalho. Quem o diz é o seu próprio fundador, S. Josemaria Escrivá, para quem a santificação do trabalho está interlaçada com a santificação na vida no mundo dos indivíduos (Rhonheimer, 2006: 69). O trabalho assume, portanto, uma “forma estável de vida, como fonte de sustento, como prolongamento da personalidade e concretização dos ideias e aptidões de cada qual” (Illanes, 1982: 29).

A santificação do trabalho ocorre tanto no plano individual como na perceção da santificação dos outros no trabalho (Vários, 2019). Começando pela santificação do trabalho, esta consiste em oferecê-lo a Deus, ação que decorre no início ou durante a realização da atividade. Este ato potencia uma conexão entre o indivíduo e uma dimensão sobrenatural que muda a sua forma de executar as suas tarefas. Esta conceção também apresenta elementos de identificação

com a ética puritana, mais propriamente, calvinista: o trabalho é realizado, acima de tudo para Deus, para a Sua honra e glória.

A santificação do próprio no trabalho é conseguida pondo em prática uma conduta profissional rigorosa e a execução do trabalho da melhor forma possível. Nos testemunhos recolhidos foi possível identificar esta dimensão numa metáfora utilizada por um dos participantes do estudo, onde referia que «conversar com Deus no trabalho são como WhatsApps lançados para o céu» (E4). Por fim, é imprescindível ter presente que se deve santificar os outros no trabalho. Uma ideia de idealizar a ação individual no trabalho como algo coletivo e de o realizar em concordância com os outros.

### **Considerações finais**

A investigação aqui apresentada conduz a três conclusões. A primeira prende-se com o lugar inquestionável que a Prelatura Pessoal do Opus Dei detém dentro do catolicismo, tratando-se da primeira e única Prelatura Pessoal da Igreja Católica.

Outro aspeto a destacar diz respeito à diversidade de perfis profissionais que o estudo abarcou, permitindo conhecer sumariamente o quotidiano dos indivíduos e o modo como conciliam o seu estilo de vida com os valores da instituição. Esta dimensão contraria alguns dos estereótipos associados a esta organização, nomeadamente a exclusividade masculina e a associação de membros a indivíduos detentores de capital social e económico elevados.

O terceiro e último aspeto incide na análise comparativa entre a ética de trabalho do Opus Dei e a ética protestante de Max Weber, sendo que foi possível encontrar algumas similitudes, salvaguardando os princípios doutrinários subjacentes a de cada um dos universos religiosos. Com o protestantismo, o ascetismo medieval das ordens monásticas foi transformado numa “ascese puramente secular” (Weber 1983a: 101 e 120). Essa conceção do trabalho parece ter sido parcialmente apropriada pelo catolicismo do século XX, por via da Prelatura do Opus Dei.

Espera-se que, de algum modo, este artigo e o trabalho de campo que o sustenta, contribuam para a expansão do conhecimento na área da sociologia da religião, de modo particular, do campo da diversidade interna do catolicismo e na sua adaptação a uma sociedade moderna secularizada de instituições, inseridas na sua vertente mais conservadora (Woodhead, 2002: 182 e 186), como é o caso do Opus Dei.

HELENA Vilaça (2021) e ELIAS, Rúben (2021), “Opus Dei e a santificação do trabalho: uma versão católica da ética protestante?”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLII, pp. 24-42.

## Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Hugo (2021), *O Fundador do Opus Dei em Portugal – Um testemunho pessoal*, Cascais, Lucerna.
- BARDIN, Laurence (2011), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70, ISBN 978-972-44-1506-2.
- DOBBELAERE, Karel (2004), *Secularization: an analysis at three levels*, 2ª ed. Brussels, Peter Lang, ISBN 90-5201-985-1.
- ELIAS, Rúben (2020), *A religião e o trabalho: uma análise sociológica sobre o Opus Dei em Portugal*, Tese de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FONTES, Paulo (2002), «O catolicismo português no século XX: da separação à democracia» in Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (vol. 3), Rio de Mouro, Círculo de Leitores, pp. 129-351.
- GUERRA, Isabel Carvalho (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, 1ª Edição, Estoril: Príncipia.
- HARMAN, Paul (2016), *Perguntas & Respostas sobre o Opus Dei*, Lisboa, Gabinete de Comunicação do Opus Dei em Portugal.
- HUTCHISON, Robert (1997), *Opus Dei: Preparando o Confronto final entre o Mundo Cristão e o Radicalismo Islâmico*, Lisboa, Prefácio.
- ILLANES, José Luis (1982), *A santificação do trabalho*, São Paulo, Edições Quadrante.
- KVALE, Steinar (1996), *Interviews: An Introduction to Qualitative research interviewing*, Thousand Oaks, Sage Publications, ISBN 0-8039-5820-X.
- LEFEBVRE, Solange e Pérez-Agote, Alfonso (2018), “Introduction to *The Changing Faces of Catholicism*”, in Lefebvre, Solange e Pérez-Agote, Alfonso, eds., *The changing faces of Catholicism*, eds., *The Changing Faces of Catholicism: National Processes and Central, Local and Institutional Strategies*, Leiden/Boston, Brill, pp. 1-17.
- LUCKMANN, Thomas (1974), *The Invisible Religion: The Problem of Religion in Modern Society*, New York, Macmillan Publishing Co.
- PACE, Enzo (2011), *Religion as Communication, God’s Talk*, Farnham, Ashgate.
- RHONHEIMER, Martin (2006), *Transformación del mundo. La actualidad del Opus Dei*, Madrid, Ediciones Rialp.
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (1990), *Metodologia das ciências sociais*, 4ª ed, Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, Sérgio Bacelar e (1999), “A abordagem quantitativa da amostragem”, in *Amostragem nas Ciências Sociais, Relatório de aula teórico-prática*, Porto, Faculdade de Economia do Porto, pp. 23-41.
- STOETZEL, Jean (1983), *Les Valeurs du temps présent : une enquête européenne*, Paris, Presses Universitaires de France.

HELENA Vilaça (2021) e ELIAS, Rúben (2021), “Opus Dei e a santificação do trabalho: uma versão católica da ética protestante?”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLII, pp. 24-42.

TEIXEIRA, Alfredo, coord., (2012), *Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas – Relatório*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa (CESOP e CERC) [policopiado].

TOMAZ, Eugénia (2021), *Opus Dei: o que falta dizer ainda?*, Observador (4 abr. 2021). Disponível em <<https://observador.pt/opiniao/opus-dei-o-que-falta-dizer-ainda/>> [Consult. 22 dez. 2021].

TROELTSCH, Ernst (1958), *Protestantism and Progress: A Historical Study of the Relation of Protestantism to the Modern World*, Boston, Beacon Press.

Vários (2019), *Entrevistas a S. Josemaria, fundador do Opus Dei*, Lisboa, Alêtheia Editores e Fundação Studium.

VILAÇA, Helena (2006), *Da Torre de Babel às terras prometidas: estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.

VILAÇA, Helena (2018), “Reforma protestante: relação com o Estado e a sociedade em contextos de secularização e pós-secularização”, in Vários, *A Reforma aos 500 anos (1517-2017)*, Porto, Fundação SPES, pp. 59-82.

VILAÇA, Helena e OLIVEIRA, Maria João (2019), *A religião no espaço público português*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

VOYÉ, Liliane; DOBBELAERE, Karel (1994), «Roman Catholicism: Universalism at stake», in Cipriani, Roberto, ed., *Religions sans frontières?*, *Present and Future trends of Migration, Culture, and Communication*, Rome, Presidenza del Consiglio Dei Ministri, Dipartimento per L’Informazione e L’Editoria, pp. 83-113.

VOYE, Liliane (1996), «Des transformations de la reliance associé au religieux», in BAL, M. Bolle de, ed., *Voyage au cœur des sciences humaines. De la Reliance*, Tome II: Reliance et pratiques, Paris, L’Harmattan.

WEBER, Max [1905] (1983a), *A Ética Protestante e o espírito do capitalismo*, Lisboa, Editorial Presença.

WEBER, Max [1921] (1983b), *Economía y sociedad*, México, Fondo de Cultura Económica.

WOODHEAD, Linda, ed. 2002, «Christianity», in Woodhead, Linda, ed., *Religions in the Modern World: Traditions and transformations*, London and New York, Routledge, pp. 177-209.

**Helena Vilaça.** Professora Associada com Agregação no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal) e investigadora integrada do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Via Panorâmica, s/n. 4150-564 Porto. Portugal. Email: [hvilaca19@gmail.com](mailto:hvilaca19@gmail.com)

HELENA Vilaça (2021) e ELIAS, Rúben (2021), “Opus Dei e a santificação do trabalho: uma versão católica da ética protestante?”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLII, pp. 24-42.

**Rúben Elias (autor de correspondência)**. Doutorando em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal) e bolseiro da FCT no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Via Panorâmica, s/n. 4150-564 Porto. Portugal. Email: [relias@letras.up.pt](mailto:relias@letras.up.pt)

Artigo recebido em 5 de junho de 2021. Aprovado para publicação em 3 de novembro de 2021